

Na luta por participação popular, saúde, comida, moradia, trabalho e renda, já!

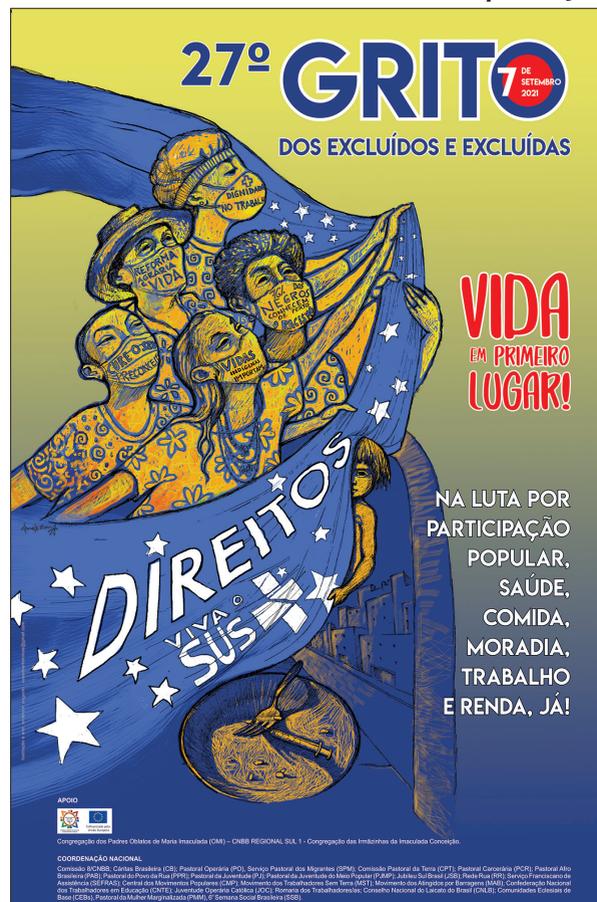
Para onde caminhamos? Para onde caminha a humanidade? Para onde está caminhando o Brasil às vésperas de seus 200 anos de independência em 2022? A que têm servido os “bons costumes” da sociedade? Em pleno século 21, em meio aos avanços tecnológicos e científicos, a pandemia revela e põe em prova a nossa capacidade de solidariedade e de administrar conflitos. Milhares de pessoas morrendo, recursos estocados em bancos internacionais, aparelhos de saúde parados em depósitos por terem sido superfaturados e impossibilitados de ser usados, testes de Covid vencendo o prazo de validade e sem serem utilizados.

Vacinas não chegam em tempo à população porque o governo não encomendou com antecedência. Colocando suspeitas sobre as vacinas já aprovadas pela Organização Mundial da Saúde, e outros países.

O auxílio emergencial alimentou 68 milhões de brasileiros/as, dos 108 milhões que solicitaram. Mesmo assim, em 2020, sobraram 29 milhões do valor orçado e liberado para esse fim. Em 2021, o governo cortou mais de 20 milhões de pessoas das que receberam o auxílio no ano passado, além da redução drástica do valor a ser recebido.

O preço dos alimentos subiu absurdamente. A fome aumentou em decorrência do desemprego e da pandemia. Uma pesquisa da Central Única de Favelas (CUFA), Institutos Data Favela e Locomotiva, no Rio de Janeiro, em março de 2021, apontou que 82% da população que vivem nas favelas e periferias não conseguem sobreviver sem doações. Com isso, a fome volta a nos aterrorizar e as tecnologias e políticas não são suficientes para conter tal monstruosidade.

As grandes empresas atacadistas, cerealistas, promoveram em 2020 o aumento do preço dos alimentos, pois sabiam que a



Reprodução

mais de 220 mil pessoas. Quem ajuda a servir alimentos para essas pessoas percebe, facilmente, novos sujeitos vivendo nas ruas, famílias com crianças, idosos, migrantes. Além do preço dos alimentos, também o aluguel, água e luz sofreram reajustes salgados para o bolso das famílias.

É fato que sofremos o impacto de um vírus cada vez mais agressivo. Quem mais sofre, de imediato, são os pobres, dentre os quais, as mulheres e afrodescendentes. Mas, assistimos a um governo totalmente negligente, negacionista e genocida, à medida em que omitiu problemas que poderiam levar o SUS ao colapso, dificultou a compra de vacinas, incentivou e gastou com medicamentos para tratamento precoce da doença sem a validação da comunidade científica. Restringiu o acesso e o valor do auxílio emergencial, permitiu que fazendeiros avançassem com desmatamento, mineração ilegal e grilagem das terras indígenas. E o Congresso Nacional continua votando, todo dia, perdas de direitos como o direito à garantia de acesso ao serviço público.

A tendência do capitalismo, que se tem chamado de uberização, avança na desregulamentação dos direitos e exploração da força de trabalho, com carga horária exaustiva e salário rebaixado. O exemplo disso, vimos nas manifestações dos Entregadores Antifascistas, em diversos estados do Brasil.

O caminho é coletivo, como em outras épocas de crises. Precisamos nos fortalecer. Fortalecer as ações de solidariedade, as ações locais em defesa da vida. Assim que a pandemia passar, com a ampla imunização da população, voltaremos com tudo a ocupar as ruas e praças para resgatar nossos direitos. O 27º Grito nos convida a lutar por participação popular, saúde, comida, moradia, trabalho e renda, já!

A Coordenação

população que recebeu o auxílio emergencial gastou 53% deste na compra de alimentos e 25% para pagamento de contas de luz e água, são dados da Campanha pelo Auxílio Emergencial até o fim da pandemia. Além disso, a maior parte da área de produção no Brasil é destinada ao agronegócio que produz para exportar. Só a gasolina subiu 40,76% e o diesel 36,14%, no período de janeiro a março de 2021.

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mostram que, em 2020, a população em situação de rua aumentou para

27º Grito dos/as Excluídos/as

Na luta por participação popular, saúde, comida, moradia, trabalho e renda, já!

OBJETIVOS:

1) Possibilitar espaços de formação e reflexão sobre a conjuntura social, política e econômica do país, denunciando estruturas que geram desigualdade e exclusão, especialmente na pandemia do COVID-19.

2) Mobilizar as comunidades excluídas dos direitos básicos para adesão e participação nas etapas de formação e mobilização social, especialmente pelo direito à vacina, ao auxílio emergencial e Fora Bolsonaro.

3) Promover espaços de trocas de experiências através dos saberes locais e da educação popular, para alimentar a esperança e fortalecer projetos e iniciativas de transformação das realidades desiguais.

4) Defender os territórios e o direito à Terra, ao Trabalho e à Moradia, na cidade e no campo, nos rios e florestas, por dignidade e acesso aos direitos básicos de segurança alimentar, soberania popular, protagonismo das juventudes e das mulheres.

5) Potencializar os mutirões pela Vida da 6ª Semana Social Brasileira.

6) Ocupar e resistir os espaços públicos: direito à rua e à manifestação e à participação popular.

EIXOS:

Eixo 1 - Terra-Território, Teto e Trabalho: a esperança está na organização popular

Das 7 bilhões de pessoas do planeta, 1,2 bilhão padecem de fome. E no Brasil, entre 2017 e 2018, mais de 10 milhões de brasileiros/as estão no quadro da fome (IBGE). A esperança é a produção da agricultura familiar que alimenta 70% da população brasileira e, em 2020, foram doados no sul do país cerca de 856,4 toneladas de alimentos saudáveis produzidos pela Reforma Agrária. O déficit de moradias consta como 7,78 milhões de casas (FGV-2019). O povo, sem casa adequada, nem saneamento básico, não tem o direito de proteção e isolamento social necessários durante a pandemia. Além disso, Bolsonaro criou o Progra-

ma Casa Verde e Amarela que exclui as famílias de menor renda. A esperança reside nos movimentos de moradia organizados que, com ocupações e lutas por políticas públicas habitacionais, defendem Moradia como direito social e não como lucro do mercado imobiliário. O capitalismo é tão perverso que, na pandemia, capitalistas aumentaram suas fortunas, e para a classe trabalhadora promoveu retiradas de direitos e desemprego. Temos 14 milhões de desempregadas/os! (IBGE -2021). A esperança são as mobilizações e greves feitas nas condições mais adversas possíveis; os trabalhos da economia solidária; e a certeza histórica de que somos nós, trabalhadores/as, que produzimos as riquezas. Tudo o que nos rodeia é fruto do trabalho humano.

Eixo 2 - Juventudes: Protagonismo juvenil e participação popular

A participação é um direito fundamental das juventudes. De fato, tal afirmação encontra-se no Estatuto da Juventude (Lei 12.852 /2013), onde dentre os direitos expressos na lei, destaca-se que “o jovem tem direito à participação social e política e na formulação, execução e avaliação das políticas públicas de juventude”. Vale recordar que o termo “jovem” pode ser igualmente aplicado às conquistas de políticas de juventude em nosso país. Nos governos Lula e Dilma houve a criação da Secretaria Nacional de Juventude e do Conselho Nacional da Juventude em 2005 e três processos de Conferências Nacionais da Juventude, cujo grande marco concreto foi a elaboração do estatuto já mencionado, conquistado através de mobilizações articuladas pela própria juventude. A pluralidade e diversidade das e dos jovens do país nos relevam que existem hoje diversas “juventudes” que exercem seu protagonismo nos mais diversos espaços, tanto eclesiais quanto (e ainda mais) na sociedade, na busca por melhores condições de vida. Esses espaços transversais abarcam desde a luta por oportunidade de trabalhos dig-

Mossoró/ RN



nos, o direito irrestrito à saúde, ao alimento e moradia até o grito contrário às estruturas que geram morte e toda forma de violência. Que o 27º Grito possa ecoar em todos os cantos a força que a juventude carrega junto de si, deixando de lado o estereótipo de que ela é o futuro, mas sim atuando no agora.

Eixo 3 - Vacina já para todos/as

É fundamental localizar o debate da vacinação no contexto da crise do capital e da crise sanitária que assolam o país, com a pandemia da COVID-19. O Brasil e as situações de desigualdade estão ainda mais evidentes. Uma lamentável crise sanitária desde o início da pandemia, por vezes transformada em espetáculo pelo governo descomprometido com as lutas históricas dos direitos humanos e da natureza.

Manaus/ AM



Expediente

Comissão 8/CNBB - SE/SUL, Quadra 801 - Conj B
70200-014 - Brasília - DF - Fone: (0xx61) 2103 83 23
Assessor: Frei Olavio Dotto

PASTORAIS E ORGANISMOS:
PO - SPM - PPR - PAB - PCR - CPT - PJ - PJMP - CB - CNLB - PMM

ENTIDADES: CMP - MST - CNTE
- MAB - Jubileu Brasil - Romaria dos Trabalhadores - JOC - Rede Rua - SEFRAS - CEBs - 6ª SSB

Apoio:



OMI (Congregação dos Padres Oblatos de Maria Imaculada) - CNBB SUL 1 - Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição

Cofinanciado pela União Europeia

Endereço da Secretaria do Grito dos Excluídos
Rua Caiambé, 126 - Ipiranga - 04264-060 - São Paulo - SP - Tel/Fax - (0xx11) 2272 06 27

Correio Eletrônico: gritonacional@gmail.com

Redes sociais:

<https://www.gritodosexcluidos.com/>
<https://www.facebook.com/gritodosexcluidos>
<https://www.instagram.com/gritodosexcluidosnacional/>
<http://youtube.com/gritodosexcluidos>

Tiragem: 15.000 exemplares

COLABORAÇÃO - Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo

Diretor: Carlos Eduardo Santi

Coordenação de Jornalismo: Eduardo Grossi
Redação Multimídia: Eloiza Oliveira Frederico.
(Mtb 32.144)

Projeto Gráfico e diagramação: José Reis Filho.
(Mtb 12.350)

Tratamento de imagens: Maristela Caretta.
(Mtb 64.183)

Vida em primeiro Lugar!

Brasília/DF



Erechim/RS



O início da vacinação contra o coronavírus no Brasil deu um sinal de ânimo e esperança. Porém, a gestão da pandemia e o desmonte do Sistema Único de Saúde (SUS), alimentados por ideias e projetos fundamentalistas e negacionistas, têm demonstrado um cruel genocídio da população que também se expressa na interrupção do auxílio emergencial e na inexistência de renda básica. Defendemos a imediata efetivação de ações coordenadas nacionalmente e a articulação federativa com estados e municípios para a vacinação através do SUS, cuja capacidade operacional é historicamente exemplar em campanhas nacionais de vacinação. A defesa dos direitos e de políticas sociais universais é uma pauta e um compromisso ético. Vacina é um direito! Direito à vida! A vacina é um bem coletivo e não pode ter seu acesso mediado pelo mercado. É fundamental pensar nos valores e princípios éticos que sustentam a defesa de Vacina Já e para Todas as Pessoas.

Eixo 4 - Soberania: princípio democrático

Tudo depende da soberania. A soberania nada mais é que a liberdade de que o país precisa para tomar suas próprias decisões tendo por base seus autênticos interesses nacionais. Um país que não defende sua soberania acaba guiado por interesses alheios e se torna incapaz de desenvolver políticas internas para promover seu desenvolvimento. Uma política externa e uma política de defesa subalternas impedem o país de decidir seu próprio destino e de tomar um lugar de destaque no concerto das nações. Sem soberania, não há políticas de desenvolvimento, de industriali-

zação, de ciência e tecnologia, de agricultura. Sem soberania, só há dependência econômica, geopolítica, alimentar e tecnológica. Lamentavelmente, com o golpe em 2016 contra a ex-presidenta Dilma Rousseff e, sobretudo, com a eleição de Bolsonaro, o Brasil tomou o rumo oposto ao da promoção da soberania. O rumo atual é do alinhamento automático e subserviente aos interesses estratégicos dos EUA, de uma forma nunca vista na história do Brasil. No plano econômico, esse processo resultou em considerável fragilização de grandes empresas brasileiras, como a Petrobras e as mais destacadas firmas de engenharia do Brasil, em proveito único da projeção dos interesses estadunidenses em nosso país e em nosso entorno regional. Bolsonaro submeteu o Brasil a esses interesses geoestratégicos e abandonou os interesses nacionais na condução da política externa. É preciso reverter essa vergonhosa submissão. O povo brasileiro quer viver. Para voltar a ter soberania nacional este governo precisa acabar. Fora Bolsonaro!

Eixo 5 - Militarização: racismo e preconceito

“Um dia eu tava no Museu do Amanhã e chegou um tanque. O cara desceu, eu continuei parada. O cara parou na minha frente, me mandou levantar e começou a me revistar. Eu queria falar que eu tinha o direito de ser revistada por uma mulher, mas não conseguia. Tinha outro apontando o fuzil pra mim”, relato retirado da cartografia: ‘Violência de gênero em contextos militarizados’, publicada em 2021. O depoimento acima é de uma mulher, moradora de favela e que ao tentar circular a cidade do Rio de Janeiro, no período de realização dos megaeventos no Brasil, se depara com mais esta violência em seu cotidiano. Cenas como estas passaram a ser constantes em outras partes do país, neste mesmo período: territórios como aldeias indígenas, quilombo, o campo, as favelas e as periferias sofreram e muito com as forças policiais e de controle. Governos investiram em compras de equipamentos bélicos, câmeras de vigilância e torres de controle. Sem dúvida, assim como no Brasil, toda a América Latina e Central é hoje um grande laboratório de uma política militarizada. Esse contexto de injustiças é vivido diariamente pelas comunidades indígenas. Com isto, o grupo paramilitar que atua naquela localidade, comete agressões permanentes para desapropriar estes territórios. Por conta disso, diversas comunidades indígenas decidiram entrar na resistência e, por isso, são criminalizadas através do exercício constante de repressão e violação aos direitos humanos.

Eixo 6 - Mulheres: Equidade e direitos

“Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”. Assim dispõe o Art. 5º da Constituição Federal, um dos mais importantes do nosso ordenamento jurídico brasileiro, porque nele estão inseridos os principais direitos e garantias fundamentais. Há ainda muito que se

avançar na busca dessa igualdade. A pandemia não é igual para homens e mulheres e descortinou as mazelas sofridas por elas ao mostrar os impactos causados pela disparidade entre os gêneros no Brasil. Foram as mulheres que mais deixaram os seus empregos para cuidar da casa e dos filhos, quando não acumulam o trabalho remunerado, doméstico e de cuidado. São das mulheres os maiores custos de saúde mental, além do retrocesso de 30 anos na participação feminina no mercado de trabalho.

O Brasil é o quinto país que mais mata mulheres no mundo: a cada duas horas uma mulher é assassinada e a cada 15 segundos uma mulher é agredida, vítima da violência doméstica. (Atlas da Violência).

Sensível à causa que deve ser abraçada por toda humanidade, Papa Francisco, na exortação apostólica Evangelii Gaudium, alerta: “Duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente tem menores possibilidades de defender os seus direitos.” É preciso que a luta contra o machismo, o feminicídio e a misoginia sejam pautas constantes de toda a sociedade. É preciso que as mulheres sejam respeitadas em sua humanidade.

Eixo 7 - Esperançar: “Nós podemos reinventar o mundo”

Embora seja difícil falar em esperança, em utopia, em projeto de sociedade que queremos, esse é o momento de fortalecer e nos apegar ao que nos motiva na luta: sonhar por uma sociedade justa e igualitária. Assim, com esperança e ações a luta continua:

- As mulheres demonstram sua força atuando em vários movimentos de luta e resistência.
- Frentes de luta como a Frente Brasil Popular e a Frente Povo sem medo mantêm mobilizações e arrecadações de alimentos.
- O MST continua produzindo alimentos saudáveis e abundantes e doando milhares de toneladas. Criando articulações como a Plenária nacional de organização das lutas populares.
- Foi lançado o 1º Tribunal Popular Internacional sobre Sistema de Justiça. Um marco para ampliação das reflexões sobre as violações de direitos humanos cometidas pelo Sistema de Justiça brasileiro.
- Economia de Francisco: vários grupos debatem, apresentam e incentivam novas formas de se trabalhar sem exploração. E tem os grupos de economia solidária que seguem produzindo e fornecendo produtos e serviços de qualidade e com respeito ao meio ambiente.
- A Campanha da Fraternidade ecumênica convoca ao diálogo e à unidade.
- A 6ª Semana Social Brasileira mobiliza milhares de pessoas para se animarem, se organizarem e se conectarem às lutas.
- Todas as ações coletivas: redes, mutirões, reuniões, jornadas, paralisações e carreatas, são formas de reivindicações específicas e unificadas para defender a VACINAÇÃO GRATUITA E PELO SUS JÁ, PARA TODAS/OS/XS! E a RENDA BÁSICA UNIVERSAL (retorno do Auxílio Emergencial e geração de empregos). Qual é a resistência de sua comunidade?

FIQUE POR DENTRO

“A utopia é possível se nós optamos por ela, vencendo o passado escravo, forjando o duro presente, forçando o novo amanhã”

(Pedro Casaldáliga)

1 Fome atinge 19 milhões de brasileiros

O desespero e a tristeza profunda estão estampados nos rostos de milhões dos brasileiros, que antes trabalhavam e, com a pandemia, não têm mais recursos para comprar o básico para alimentar suas famílias. Os números da fome no Brasil podem voltar aos índices de 1999 quando atingiu 20,9 milhões vítimas de grave insuficiência alimentar, dado da FAO (Fonte: Ricardo Kotscho - UOL 5/4/2021).

Segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), 116,8 milhões de pessoas sofrem com a insegurança alimentar no Brasil. A pandemia deixou 19 milhões com fome em 2020, quase o dobro do que havia em 2018, quando o IBGE identificou 10,3 milhões de brasileiros nessa situação.

A incidência da fome é maior nas casas onde a renda per capita é de meio a um salário mínimo, as que são chefiadas por mulheres e por negros.

2 Dinheiro não falta, o que falta é vontade política!

Os governantes insistem afirmar que não tem dinheiro para o auxílio emergencial, à saúde/SUS, educação, segurança pública, transporte público descente, para pagar um salário mínimo digno, para a previdência, para a agricultura familiar, moradia popular, enfim para tudo que é direito básico social. Mas, enquanto o povo tem que se virar nos trinta para sobreviver, parlamentares nadam em dinheiro e benefícios. O salário mínimo para os trabalhadores é de R\$1.100,00. O salário de um deputado/a federal ou de um senador/a, que se elege com o nosso voto para votar leis que retiram nossos direitos, é de R\$ 33.763,00.

E não para por aí, porque cada um dos 513 deputados/as federais e 81 senadores/as ainda têm direito a uma série de benefícios, inclusive ressarcimento com gastos médicos.

3 Na pandemia, aumenta a desigualdade

Num cenário de morte e colapso dos serviços de saúde, a pandemia da Covid 19 aprofundou ainda mais a desigualdade no Brasil. De um lado, o país ganhou 11 novos integrantes na lista de bilionários da revista Forbes, em 2021. De outro, o número de pobres saltou de 9,5 milhões, em agosto de 2020, para mais de 27 milhões, em fevereiro de 2021, segundo a Fundação Getúlio Vargas. O ano de 2020 fechou com mais de 14 milhões de desempregados, somados aos 5,9 milhões considerados desalentados e 33,5 milhões de trabalhadores informais (Dieese).

4 Romaria dos/as Trabalhadores/as

A romaria acontece todo ano no dia 7 de setembro, no Santuário Nacional de Aparecida/SP, juntamente com o Grito dos Excluídos/as. O lema desse ano é “Com Maria, rezamos e lutamos por saúde, trabalho e moradia!”. Como no ano passado, tudo indica que será uma celebração virtual, com público reduzido seguindo os protocolos sanitários.

5 Desigualdade de gênero

As mulheres que, bem antes da pandemia, já tinham jornada de trabalho dupla, ao cuidar da casa e dos filhos, muitas vezes sem dividir as tarefas com o parceiro ou por ser mãe solo, agora precisam ficar em regime de teletrabalho. Isso quando elas não estão desempregadas e/ou expostas ao vírus por saírem de suas casas. Soma-se ainda a violência no ambiente domiciliar agravada pelo isolamento. Como sociedade é preciso pensar em políticas públicas que enfrentem esse problema não só agora, mas também no mundo pós-pandêmico.

6 6ª SSB: Vem pro Mutirão pela Vida, por Terra, teto e Trabalho

A Comissão Episcopal Pastoral da Ação Socio-transformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, juntamente com organizações, movimento sociais e outras igrejas, está em mutirão pela vida. Mobilize seu grupo, coletivo, pastoral para aprofundar sobre as questões sociopolíticas do país e propor alternativas e projetos de superação dos processos econômicos, democráticos e de soberania.

7 200 anos da tal da independência?!

No próximo ano, 2022, completam-se 200 anos do grito da “independência” do Brasil, bradado por Dom Pedro I. Que independência é essa? Para quem? O Brasil é hoje um país independente? Vamos debater essas e outras questões e já pensar como construir o 28º Grito dos/as Excluídos/as.

8 DIA D do Grito

É todo dia 7 de cada mês. Vamos marcar essa data com atividades locais virtuais e presenciais, onde for possível. Vamos denunciar nossos problemas e sofrimentos e exigir nossos direitos.

9 Como construir o 27º Grito? Sugestões:

→ Diante do agravamento da pandemia do Covid 19, buscar formas criativas de divulgação, organização e realização do 27º Grito dos/as Excluídos/as, garantindo a participação dos excluídos/as em todo o processo;

→ Trabalhar com perspectiva de um Plano A (ações virtuais) e um Plano B (ações presenciais, atos de rua e/ou espaços públicos, seguindo os protocolos sanitários). Cada local tem mais condições de definir seu processo e ações;

→ Mobilizar Igrejas, Pastorais Sociais, Movimentos Populares e demais entidades para formar uma equipe de coordenação e animação do Grito;

→ Que cada entidade, pastoral e organização assuma a proposta do Grito em suas agendas, motive e divulgue em seus canais de comunicação;

→ Incentivar, apoiar, participar das lutas cotidianas pela vida e por direitos, como forma de melhor organizar e preparar o Grito dos/as Excluídos/as;

→ Que os Gritos ecoados se tornem pautas de reivindicações junto aos poderes públicos locais...

10 Materiais de divulgação

Jornal tabloide	R\$0,15
Cartaz.....	R\$0,50
Roteiro de celebração.....	R\$0,20
Máscara.....	R\$5,50
Camiseta.....	R\$18,00

Pendrives 25º e 26º Grito.....Contribuição voluntária
Os pedidos devem ser feitos com antecedência para chegar a tempo
Rua Caiambé, 126, Ipiranga, SP, CEP: 04264-060
Fone/Fax: (11) 2272-0627 Correio eletrônico: gritonacional@gmail.com